



ROSE, Mike. **De volta à escola: porque todos merecem uma segunda chance na educação.** São Paulo: Senac Editoras, 2015. 182 p.

O que os adultos esperam em sua volta à escola

Leontina (nome fictício) é uma mulher jovem e alegre. Adora dançar. Não tem emprego regular, mas trabalha bastante. Faz doces, bolos, salgados e os vende no bairro em que mora. Fala muito e não se acanha quando lhe perguntam sobre a história da sua vida.

Converso longamente com ela. Aos dezenove anos descobriu que tinha uma doença que a levaria à cegueira. Saiu de Mato Grosso para São Paulo, buscando atendimento médico, com esperança de que seria possível reverter o processo de perda da visão. Passou alguns meses na capital paulista fazendo um tratamento que não deteve a doença. Voltou para casa, ainda com alguma visão. Casou-se. Começou a aprender como poderia continuar sua vida sem enxergar pessoas e coisas que amava. Aos quarenta e poucos vive uma

vida normal de dona de casa que faz trabalhos eventuais para complementar a renda familiar.

Deixou a escola quando seus problemas de visão começaram. Por isso não conseguiu terminar o ensino médio. Agora voltou para a escola e está fazendo um curso de Salgadeiro. É boa aluna. Participa de tudo e está aprendendo muito. Adora a escola, os colegas, o curso.

Nos três parágrafos iniciais resumi minhas notas de entrevista com uma aluna do curso de Salgadeiro, em um estudo que fiz para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) sobre valores e educação profissional e tecnológica (BARATO, 2015). O curso acontecia num ambiente de trabalho/aprendizagem exemplar.

Na Unidade escolar visitada, havia vários cursos que poderiam me interessar, todos eles desenvolvidos em oficinas ou laboratórios muito bem equipados. Escolhi o curso de Salgadeiro porque a turma tinha cinco deficientes visuais. A situação me atraiu, pois eu queria ver como atuava o docente para integrar os deficientes visuais nas atividades de produção. Além disso, queria observar como os demais alunos se relacionavam com os colegas que tinham problemas de visão.

Volto à aluna com quem muito conversei. Ela já fazia salgados antes de começar o curso, mas me disse que estava aprendendo muitas coisas novas. Elogiou a qualidade dos equipamentos do ambiente de trabalho/aprendizagem da escola e me disse que deveria existir um programa de financiamento para que alunos formados pudessem comprar equipamentos profissionais caso quisessem se estabelecer como salgadeiros na praça. Essa observação resultou do entendimento de que a produção de alimentos em escala profissional exige condições muito melhores que as oferecidas por cozinhas caseiras. Com essa observação, minha entrevistada mostrava que as qualidades dos equipamentos da escola que frequentava era um aspecto importante na aprendizagem do ofício de salgadeiro.

Na aula que acompanhei, os alunos estavam preparando uma massa especial de pão de queijo. Era uma receita nova para pães de queijo crocantes. Todos os alunos, literalmente, punham a mão na massa. O docente preparou parte da massa em um formato tubular para facilitar a manipulação por parte dos alunos com deficiência visual. Cada um deles explorou tatilmente os tubos preparados para separar porções individuais. Bastou uma tentativa para que começassem a fazer porções muito similares às feitas pelos demais colegas.

Depois do preparo da massa, voltei a conversar com Leontina. Ela me disse que tinha grande orgulho de vestir a camisa de uniforme fornecida pela es-

cola e de ser reconhecida no ponto de ônibus como estudante. Nesta altura de nossa conversa, deixei de lado meus interesses para descobrir valores que emergem da ação, para considerar um aspecto surpreendente e não previsto da oportunidade de estudos proporcionada pelo Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). Voltar à escola, viver em um ambiente em que os equipamentos são de ótima qualidade, e ter um professor que se importa com os alunos é uma experiência capaz de conferir dignidade a alunos com educação regular comprometida.

Leontina me fez ver uma circunstância que não costumamos valorizar na educação de adultos. Em uma segunda oportunidade educacional, os alunos não buscam apenas meios para melhorar de vida do ponto de vista econômico. Não têm apenas uma visão utilitarista da educação. Se a escola que frequentam for um lugar adequado e o curso for de qualidade, eles sentem que estão recebendo um tratamento que lhes dá dignidade. Assim como a aluna que entrevistei, eles sentem orgulho de serem estudantes. Cabe ressaltar que em outra instituição acompanhei um curso de Salgadeiro desenvolvido em situação precária. Em tal curso não encontrei alunos orgulhosos de sua condição de estudantes, como Leontina.

A educação de adultos, mais que a educação de crianças e jovens, é marcada por propostas que enfatizam aspectos econômicos. No horizonte sempre está presente a expectativa de que uma boa educação será instrumento importante para que o adulto consiga bom trabalho ou melhore seu desempenho na profissão que já exerce. Essa é uma visão promovida pelos fazedores de políticas e pelos gestores da educação. E ela é congruente com as expectativas de formadores de opinião nos veículos de comunicação de massa. Porém, assim como constatei em minha conversa com Leontina, os adultos que voltam à escola não querem apenas “melhorar de vida”. Eles querem ser estudantes; encantam-se com a descoberta de que podem aprender mais; sonham com a oportunidade educacional que lhes permita aprender o que lhes foi negado na infância e nos primeiros anos da juventude.

As considerações até aqui registradas foram sugeridas pela leitura de *De volta à escola: porque todos merecem uma segunda chance na educação*, edição brasileira de livro de Mike Rose, professor da University of California (UCLA), que recebeu muitos elogios nos Estados Unidos, incluindo os de um leitor ilustre, o ex-presidente Bill Clinton. Rose aborda em sua obra a educação que se faz em *community colleges*, instituições educacionais que recebem jovens e adultos para diversos programas de educação pós-secundária.

Como costuma fazer em seus livros, o autor associa análises temáticas com casos concretos dos alunos e professores que entrevista. As experiências de vida que Mike Rose apresenta iluminam seus argumentos sobre rumos da educação de adultos nos Estados Unidos. E, à medida que se lê o texto do



professor da UCLA, ficam evidentes as pontes entre a educação de adultos nos Estados Unidos e no Brasil.

Logo na abertura de sua obra, Mike Rose registra fala significativa de um dos alunos que acompanhou em sua investigação. Harry, um rapaz em cadeira de rodas, com vida pregressa que envolveu participação em gangues, drogas e prisão, comenta “[Aqui] você é capaz de descobrir alguém que nunca imaginou ser”. Essa fala refere-se ao sentimento que esse aluno experimenta à medida que volta a estudar, e começa a ver possibilidades de aprender mais e de poder ajudar outros estudantes com experiências de vida parecidas com a sua. Assim como Leontina, Harry revela satisfação com aspectos que abordagens utilitaristas da educação de adultos não costumam considerar. Mike Rose enfatiza isso diversas vezes em seu livro. Voltarei ao tema oportunamente. Entretanto, antes de comentar aspectos relevantes da obra do professor da UCLA, convém caracterizar *community college*, instituição educacional que é o *locus* central da investigação de Rose.

Community Colleges

Boa parte da educação de adultos nos Estados Unidos se realiza em *community colleges*. O autor assinala que há dez milhões de alunos em tais instituições no seu país.

Ao ler *De volta à escola*, talvez o leitor não consiga enxergar com clareza a estrutura de *community colleges*. Nos casos narrados aparecem situações de educação profissional, ensino universitário, educação compensatória e preparação para testes de equivalência de estudos. Não temos no Brasil instituições similares. Muito do que ocorre em *community colleges* guarda alguma relação com o que fazem Senai, Senac e Institutos Federais. Mas não é possível estabelecer estrita analogia entre essas nossas instituições e as escolas que foram objeto da investigação de Mike Rose.

Community colleges são instituições cuja finalidade principal é facilitar o acesso ao ensino superior para jovens e adultos. As faculdades em *community colleges* oferecem programas os quais permitem que seus alunos completem estudos equivalentes a dois anos do currículo de quatro anos de cursos equivalentes nas universidades. Esses estudos, porém, não são um tipo de “meia faculdade”. E para entendê-los é preciso levar em conta que o ensino superior nos Estados Unidos é estruturado em créditos que dão ao aluno muita flexibilidade na escolha de disciplinas que queira cursar. Mas nem todas as ofertas naquelas instituições para jovens e adultos garantem equivalência com uma contraparte de curso superior de universidade com a qual haja acordo para possível transferência de alunos. Algumas disciplinas

estão voltadas para a educação profissional em cursos que se assemelham aos nossos cursos técnicos subsequentes ou aos nossos cursos superiores para formar tecnólogos. Convém ressaltar que há no caso semelhança, não necessariamente equivalência.

O sistema de créditos é extremamente flexível. Ele permite, por exemplo, que um aluno, durante o semestre, curse apenas uma disciplina. Em *community colleges* tal flexibilidade permite que os alunos estruturam o currículo de acordo com suas possibilidades financeiras e de tempo. Rose narra o caso de uma senhora que frequentava a escola apenas uma hora por semana, pois ela não dispunha de mais tempo para ir às aulas, mas queria estudar. Em outros casos, o autor apresenta estudantes que estavam se preparando para uma profissão, em percursos de educação profissional, e começavam a cursar programas de educação geral cujos créditos poderiam ser aproveitados para continuar estudos em uma universidade.

Em resumo, *community colleges* são instituições que funcionam como escolas alternativas para início de estudos superiores de alunos que, por motivos econômicos ou de história de vida, não puderam ingressar na universidade assim que concluíram o ensino médio convencional. Além disso, *community colleges* fazem educação profissional e educação compensatória. Espero que essa breve caracterização facilite a compreensão das análises feitas por Mike Rose.

Problemas de comunicação

Em diversas partes do livro, o autor narra episódios de encontros com alunos que estão estudando inglês. Esses alunos têm origens muito variadas. Eles podem ser adultos estrangeiros estudando inglês como segunda língua ou nativos com grande deficiência no manejo formal de seu idioma. Os primeiros precisam desenvolver sua comunicação no idioma local para conseguir melhorias no trabalho ou fluência para continuar estudos. Os segundos precisam atingir níveis de suficiência que deveriam ter obtido no ensino básico americano (K-12).

Rose examina as carências de comunicação em cursos caracterizados como educação compensatória, ou seja, uma educação que tem por finalidade garantir que os alunos possam chegar a níveis de competência que deveriam ter caso sua educação básica fosse completa e de boa qualidade. Há



duas circunstâncias observadas pelo autor que são de grande interesse em educação de adultos. A primeira delas é a de que os acadêmicos geralmente propõem metodologias de ensino linguístico que desconsideram a experiência de vida de pessoas com mais idade. Isso se reflete, por exemplo, em uso de materiais didáticos originariamente concebidos para crianças. A segunda delas é a de que maior domínio do idioma é necessário para que os alunos possam estudar outras matérias. O autor nota que muitos alunos fazem progresso aparente no domínio linguístico, mas não conseguem melhorar seu aproveitamento de estudos porque continuam com dificuldades para entender manuais didáticos.

Rose mostra que as melhores soluções em educação compensatória em inglês acontecem quando os educadores abandonam abordagens tradicionais características do ensino formal e adotam estratégias que contextualizam o conteúdo linguístico.

Em educação é importante que os alunos aprendam a dizer suas próprias palavras. Esse é um princípio que orientava também as ações educacionais de Lorenzo Milani em seu trabalho de educação de adultos em Florença e na educação de crianças e jovens excluídos precocemente do sistema público de ensino (MARTI, 1977). As propostas de Rose lembram esse modo de ver do educador italiano quanto à comunicação. O domínio do idioma é uma condição importante para que as pessoas possam exercer sua cidadania.

Faço esse destaque sobre comunicação a partir de registro de casos e análises de Rose, porque a comunicação é muito importante em educação pós-secundária, principalmente quando os alunos tiveram experiências desastrosas na aprendizagem formal de seu idioma durante o ensino básico. No Brasil, é frequente a oferta de cursos compensatórios de português para alunos de educação profissional. Infelizmente, tais ofertas quase sempre resultam em fracasso. O autor analisa em especial medidas compensatórias, observando que elas são consequências de fracassos no ensino básico e fazem parte de uma tradição americana, pois nas universidades é grande o número de alunos que revelam domínio insuficiente no campo da leitura e da redação. Vale lembrar que isso também ocorre no Brasil. Já faz bastante tempo que em nossas universidades há aulas de português, com intenções compensatórias, para alunos dos primeiros anos. Não conheço estudos que examinem resultados de tal medida. No entanto, observações incidentais que fazia em meus tempos de professor universitário mostravam que essa forma compensatória de ensino pouco adiantava na melhoria de competências de leitura e redação dos meus alunos.

Dificuldades no campo da comunicação são maiores entre os estudantes em *community colleges*, uma vez que os alunos são jovens e adultos cuja escolarização prévia deixou a desejar. Por essa razão, a superação de dificul-

dades com o idioma é essencial para o sucesso escolar desses estudantes que estão tendo uma segunda chance na escola. Essa circunstância é um desafio em termos de acesso. *Community colleges* não colocam barreiras para o ingresso em seus programas, como ocorre nas universidades. Mas, para Rose, não basta facilitar o acesso à escola, pois este é:

[...] uma condição necessária mas não suficiente para alcançar um sistema robusto e democrático de educação superior. Não basta deixar as pessoas entrarem; devemos criar condições para que elas progridam depois que estiverem lá dentro. Pois o que elas – e, muitas vezes, nós – encontram nem sempre é um ambiente hospitaleiro, capaz de ajudar a encontrar um caminho e se firmar (ROSE, 2015, p. 137).

O inglês compensatório (português, no nosso caso) precisa ser visto nessa perspectiva de acessibilidade sugerida por Rose. O acesso físico à escola é apenas um primeiro passo. Porém, as carências que jovens e adultos trazem para as escolas de “segunda chance” podem resultar em novo fracasso, se os educadores não conseguirem oferecer oportunidades de aprendizagem adequadas. Essa é uma questão que sempre reaparece quando se ouvem relatos de que professores que assumem cursos da Educação de Jovens e Adultos não se dispõem a cuidar de seus alunos de acordo com as necessidades próprias de pessoas que estão há muito tempo fora da escola.

Arquitetura escolar

Rose narra sua visita a um *campus* em uma área urbana degradada, com muitos armazéns abandonados, oficinas mecânicas descuidadas, ruas pouco convidativas. O caso indica escolha de locais baratos para alojar *community colleges*. Aparentemente, os *campi* dessas instituições não têm o mesmo padrão comum aos belos *campi* das universidades americanas. Vale registrar algumas observações do autor sobre o tema:

A arquitetura e a paisagem de uma instituição de ensino superior são funcionais e simbólicas ao mesmo tempo. O desenho dos prédios, a disposição dos escritórios e das salas de aula, o fluxo de tráfego, a facilidade de acesso, a presença de espaços comuns, tudo isso tem efeito significativo sobre o que os alu-

nos fazem e sentem. [...] o ambiente pode prejudicar ou melhorar a experiência escolar do aluno. Assim, a manutenção dos prédios, o cuidado com o paisagismo, a segurança e o saneamento têm enorme importância. O estado dos banheiros, por exemplo, revela aos alunos o quanto eles são valorizados ou não (ROSE, 2015, p. 140-141).

As observações de Rose sobre espaço escolar justificam o registro que fiz sobre o ambiente de trabalho/aprendizagem onde estudava Leontina. A excelência de laboratórios e equipamentos dava a ela a certeza de que era tratada com merecida dignidade e, além disso, ensinava-lhe, ambientalmente, padrões de como ser profissional.

Rose dedica toda uma seção de seu livro examinando sistemas de comunicação no interior de um *campus*. O autor argumenta que alunos adultos, ausentes de ambientes escolares por muitos anos, podem ter dificuldades para encontrar seu caminho para além da sala de aula. E ele repara que

em alguns *campi* observados não há indicação da direção dos serviços oferecidos. Segundo o autor, nós não levamos em conta que os ambientes escolares são mundos completamente estranhos para adultos pobres que vivem em condições precárias.

Educação profissional

O tema da educação profissional aparece na obra de duas maneiras. O autor examina, no âmbito da economia, as expectativas do papel que a educação desempenha na preparação de trabalhadores. No âmbito do processo de aprendizagem, o autor destaca a especificidade epistemológica do fazer. Rose mostra que, nos tempos atuais, o argumento mais utilizado para justificar maior oferta de educação é o econômico. Em análises sobre a crise, acentua-se a existência de grande número de pessoas sem educação e preparação profissional:

A lógica econômica para a expansão da educação pós-média se baseia em algumas suposições amplamente defendidas e divulgadas. O trabalho na 'nova economia' exige conhecimentos mais profundos de língua e matemática e uso de computador, além das chamadas *soft skills* (habilidades sociocomportamentais), tais como colaboração e comunicação. Uma outra suposição é que existe uma 'incompatibilidade de competências' entre muitos norte-americanos e o mercado de trabalho: isto é, há vagas que não são preenchidas porque a mão de obra local não possui as competências técnicas ou comportamentais necessárias para realizar o trabalho (ROSE, 2015, p. 25).

Cito essa passagem porque ela parece descrever o que ouvimos continuamente no Brasil quanto às relações entre educação e trabalho. Esse modo de ver ignora, como diz Rose, que a questão do desemprego é muito mais resultado da organização da economia, incorporando tecnologia que suprime trabalho, reorganizando a produção para reduzir a necessidade de mão de obra etc. Em situações assim, o acento na educação é uma forma de colocar sobre os ombros dos trabalhadores a culpa por seus fracassos profissionais.

O autor não nega que os “programas de segunda chance” (educação de adultos), quando bem desenvolvidos, são importantes para a construção de saberes que podem levar ao emprego. Entretanto, a existência ou inexistência de empregos não é resultado de mais ou menos educação.

No campo da aprendizagem, Rose retoma seu estudo anterior sobre a inteligência do trabalhador (ROSE, 2004). Depois de examinar a riqueza do aprender fazendo, o autor conclui: “Precisamos ser mais criativos ao unir biblioteca e oficina para ajudar os alunos a construir uma vida melhor” (ROSE, 2015, p. 75). Essa conclusão é feita depois de uma análise que mostra a riqueza do aprender significativo nas oficinas. Em outra passagem, o autor observa: “O compromisso com a profissionalização não nega o impulso humanista, mas o faz existir” (ROSE, 2015, p. 74). Tal observação sugere que os pares antitéticos teoria/prática e humanismo/tecnicismo propõem um falso dilema. A técnica, o conteúdo do fazer, é um saber com *status* epistemológico próprio e, além disso, confere maior significado à educação geral para os adultos.

Leontina encontra-se com Harry

Iniciei esta resenha apresentando a história de Leontina, aluna de um curso de Salgadeira no Brasil. Ela não vê sua volta à escola apenas como oportunidade de se preparar para ter mais sorte no mercado de trabalho. Seu entendimento pessoal da oportunidade de voltar a uma escola que lhe oferecia ótimas condições de aprendizagem é o de que ela está se convertendo em uma pessoa diferente.

Quando comecei meus comentários sobre *De volta à escola*, dei destaque às observações que Mike Rose faz sobre Harry, um aluno de *community college* cursando um programa pós-secundário que lhe abrirá portas para prosseguir estudos em uma universidade. Harry não vê essa segunda chance escolar apenas de modo utilitário, ele conta para Rose que está se descobrindo como outra pessoa, muito melhor e com renovadas esperanças.



Embora vivam experiências muito diferentes, Leontina e Harry chegam a conclusões parecidas quanto ao significado do que estão aprendendo em sua volta à escola. Eles nos ensinam que a educação de adultos não se resume à preparação para o trabalho ou à retomada do ensino básico, que tiveram de abandonar no começo da juventude. Em um e em outro caso, os desejos de Leontina e Harry são descritos por Mike Rose na apresentação da edição brasileira de sua obra:

Os estudantes [jovens e adultos] querem usar a mente e aprender coisas novas, desejam mostrar a si mesmos e aos outros que podem obter sucesso na escola. Há outras razões também, porém, gostaria de enfatizar um ponto. Na escola, os estudantes aprendem novos tipos de trabalho ou mais sobre tarefas que já executam, e estão lá por muitos fatores além do econômico, como os psicológicos, sociais e existenciais (ROSE, 2015, p. 22).

Referências

BARATO, J. N. **Fazer bem feito: valores em educação profissional e tecnológica**. Brasília, DF: Unesco, 2015.

MARTI, M. **El maestro de Barbiana**. Barcelona: Ed. Nova Terra, 1977.

ROSE, M. **The mind at work: valuing the intelligence of the American worker**. New York: Viking, 2004.

Jarbas Novelino Barato. Professor. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestre em Tecnologia Educacional pela San Diego State University (SDSU).

